

# Estratégias para a confecção de ficha de diagnóstico em conservação: uma análise deontológica e avaliação de modelos utilizados em centros de referência estrangeiros

*Estrategias de elaboración de fichas de diagnóstico en conservación: análisis deontológico y evaluación de modelos utilizados en centros de referencia extranjeros*

*Strategies for Making Diagnostic Records in Conservation: A Deontological Analysis and Evaluation of Models Used in Foreign Reference Centers*

Guilherme Xavier

Fundação Casa de Rui Barbosa

E-mail: [guilherme@rb.gov.br](mailto:guilherme@rb.gov.br)

ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-7107-3333>

Ozana Hannesch

Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST)

E-mail: [ozana@mast.br](mailto:ozana@mast.br)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6630-2843>

Guadalupe Campos

Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST)

E-mail: [gncampos@gmail.com](mailto:gncampos@gmail.com)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9152-101X>

## RESUMO

A documentação de diagnóstico tem auxiliado conservadores e restauradores no planejamento de intervenção, estudo de técnicas e materiais e em pesquisas sobre a materialidade dos objetos culturais. Este artigo busca identificar recursos que auxiliem no registro e recuperação da informação referente ao diagnóstico aplicado aos objetos bibliográficos. A partir da revisão da noção de documentação de conservação, foram selecionadas três modelos de ficha para avaliação. Essa análise permitiu identificar estratégias para otimizar o registro de informações como o uso de notas, siglas, abreviaturas, esquemas gráficos e glossário. Possibilitou ainda verificar etapas metodológicas inerentes ao diagnóstico de conservação e confirmou a necessidade da utilização de alguns recursos identificados nos modelos de documentação analisados.

**Palavras-chave:** *Diagnóstico de conservação. História da Conservação-Restauração. Patrimônio bibliográfico.*

## RESUMEN

La documentación diagnóstica ha ayudado a conservadores y restauradores en la planificación de intervenciones, en el estudio de técnicas y materiales, y en investigaciones sobre la materialidad de los objetos culturales. Este trabajo busca identificar recursos que ayuden en el registro y recuperación de información relativa al diagnóstico aplicado a objetos bibliográficos. A partir de la revisión de la noción de documentación de conservación, se seleccionaron tres modelos de archivos para su evaluación. Este análisis permitió identificar estrategias para optimizar el registro de la información, como el uso de notas, acrónimos, abreviaturas, esquemas gráficos y glosario. También permitió verificar etapas metodológicas inherentes al diagnóstico de conservación y confirmó la necesidad de utilización de algunos recursos identificados en los modelos de documentación analizados.

**Palabras clave:** *Diagnóstico de conservación. Historia de la Conservación-Restauración. Patrimonio bibliográfico.*

## ABSTRACT

The diagnostic documentation has helped conservators and restorers in the intervention planning, in the study of techniques and materials, and in researches about the materiality of the cultural objects. This paper seeks to identify resources that assist in the registration and retrieval of information regarding the diagnosis applied to bibliographic objects. From the review of the notion of conservation documentation, three models of files were selected for evaluation. This analysis allowed us to identify strategies to optimize the recording of information, such as the use of notes, acronyms, abbreviations, graphic

schemes and glossary. It also made possible to verify methodological steps inherent to the conservation diagnosis and confirmed the need for the use of some resources identified in the documentation models analyzed.

**Keywords:** *Conservation diagnosis. History of Conservation-Restoration. Bibliographical heritage.*

Artigo recebido em: 09/06/2023  
Artigo aprovado em: 20/10/2023

## Introdução

Do período que compreendeu a Renascença até final do século XVIII, a percepção de monumento permaneceu inalterada. Pouco se inovou em relação às práticas interventivas de restauro, que até então se resumiam ao ofício passado adiante. Nas palavras de Ruiz de Lacanal (1999, p. 115, tradução nossa), o “[...] aprender assistindo fazer era o modelo de formação vigente até o século XVIII, aplicado tanto ao campo artístico e produção artesanal quanto na medicina”.

É no século XIX que o entendimento de monumento, impulsionado pelos estudos históricos, em especial a disciplina de História da Arte, ganha nova percepção na medida em que passa a ser compreendido como uma “[...] obra criada pela mão do homem e elaborada com o objetivo determinante de manter sempre presente na consciência das gerações futuras algumas ações ou destinos [...]” (Riegl, 2014, p. 11). Foi neste século que o conceito de monumento, ainda ligado à Antiguidade clássica, se transforma e passa a ser compreendido como “Tesouro Histórico-Artístico da Nação”, sendo estabelecido pela primeira vez um interesse público nos monumentos e obras notáveis de um país (Ruiz de Lacanal, 1994, p. 117). A partir de então, a conservação com bases científicas se inicia, e alguns trabalhos científicos demarcam essa fase, como aqueles sobre os “papiros de Pompeia”, estudados por Sir Humprey Davy da *Royal Society* (1820) e o livro *A conservação de antiguidades* de Friedrich Rathgen (1898) (Granato; Campos, 2013, p. 2). Foi nesse contexto que profissionais advindos de outros campos disciplinares, como da Arquitetura, denominados de “arquitetos-restauradores”, realizavam experimentações respaldados ao *habitus* teórico<sup>1</sup>. A exemplo, se reporta à contribuição dos arquitetos franceses, em especial Viollet-le-duc,

que conferiu à documentação de conservação-restauração uma abordagem científica. Ao citar esse teórico francês, Choay (2017) comenta algumas de suas contribuições, dizendo que foi um dos primeiros a “[...] valorizar os registros fotográficos e a maneira como soube retirar das fachadas as esculturas demasiadamente frágeis e ameaçadas” (Choay, 2017, p. 157). O entendimento e proposições teóricas desse francês trouxeram contribuições únicas ao campo da conservação-restauração, em especial as normativas documentais, que serão foco de discussão ao longo do século XX.

Ainda no século XIX, outros conceitos como o de autenticidade foram discutidos pelos ingleses Ruskin e Morris, incorporando ao campo da Conservação-Restauração interpretações antes não cogitadas. A distinção entre o edifício antigo e moderno foi se tornando perceptível à medida que ocorria a expansão da malha urbana (Choay, 2017). Ao se referir às catedrais e outros edifícios do passado, Ruskin (2008, p. 83) diz que “[...] eles não são nossos. Eles pertencem em parte àqueles que os construíram, e em parte a todas as gerações da humanidade que nos sucederão”. Assim, os monumentos “sagrados e intocáveis” se diferenciavam dos industriais por serem “[...] testemunhos dos sistemas históricos obsoletos [...]” (Choay, 2017, p. 158). Esses conceitos, estimulados pela intenção de proteção desses edifícios vulneráveis e seu entorno, amadureceram e tornaram favoráveis a criação de normativas do campo da Conservação-Restauração, código de ética e outros aspectos deontológicos que compreendem o perfil do restaurador no começo do século XX.

A aproximação de outros perfis interessados nos estudos dos materiais, como os químicos, foi benéfica ao campo da Conservação-Restauração na medida que possibilitou incorporar metodologia científica nas pesquisas de campo e condução do tratamento interventivo (Ruiz de Lacanal, 1999). Esse novo método não apenas reformulou as técnicas de documentação em uso desde o século XIX como possibilitou pensar em planejamento interventivo de caráter científico. A Conservação-Restauração com bases científicas, elaborada em 1912, é abordada por Gustavo Giovannoni, Luca Beltrami e Camillo Boito e favoreceu a conservação em detrimento da restauração (Macarrón, 2008 *apud* Granato; Campos, 2013, p. 4). Ao se analisar os temas debatidos nos primeiros encontros do começo do século XX, como os “[...] Métodos científicos aplicados ao exame e à Conservação de obras de Arte [...]” (Froner, 2016, p. 35), é possível observar o impacto da teoria do Restauo Científico e uma mudança do perfil profissional.

O período de 1930 a 1979 foi favorável para o surgimento desse novo perfil profissional ao campo da Conservação-Restauração. Segundo Ward (2010, p. 35), as transformações dos agentes do patrimônio foram impulsionadas pela evolução conceitual e organizacional das instituições museológicas a partir da década de 1960, viabilizando o surgimento de programas de conservação em universidades da Europa e América do Norte e isso incluiu a necessidade de sua formação acadêmica. Na medida em que ocorreram mudanças na configuração e rotina dos laboratórios, os conservadores-restauradores vão aos poucos sendo desassociados da figura do artesão e surgem os perfis<sup>2</sup> da Conservação-Restauração (Ruiz de Lacanal, 1999, p. 260-262).

Com o objetivo de mitigar os danos ao patrimônio cultural e orientar os profissionais atuantes nesse campo, durante o século XX, foram publicadas cartas patrimoniais. Analisando o contexto que precedeu a publicação da Carta de Atenas (1931), identificamos uma correlação entre o fazer científico (método) e a otimização das formas de documentação no campo da Conservação-Restauração. A este respeito, Caldararo (2013, p. 86) relata a necessidade, durante as décadas de 1930 e 1940, de uma aproximação entre a atividade de escavação arqueológica e o trabalho museológico, estreitando ainda mais a prática interdisciplinar entre essas áreas. Segundo o autor, a realização de encontros técnico-científicos<sup>3</sup> tinha como objetivo a reunião de cientistas, arqueólogos e estudiosos do patrimônio cultural para discutir parâmetros de intervenção mais seguros e registro documental adequado, ambos aplicáveis ao patrimônio cultural (Caldaro, 2013, p. 88).

A Carta de Atenas, de 1931, é o primeiro documento a tratar do ambiente em torno do monumento e que indica a necessidade de se ter evidências documentais antes do processo interventivo (International Council of Monuments and Sites, 2004, p. 31-32). Observamos que as recomendações descritas no referido documento, sobre a necessidade de um planejamento, são igualmente abordadas por Ruiz de Lacanal (1999, p. 259) ao expor a nova postura do profissional, que deveria apresentar um planejamento de intervenção.

Após 33 anos, a Carta de Veneza (1964) trouxe contribuições mais significativas sobre o registro dos processos de trabalho do Conservador-Restaurador. Analisando seu Artigo 16º, observamos uma nova configuração da documentação, passando ela a contemplar diversos recursos e etapas. Essa configuração é muito próxima do entendimento de documentação de diagnóstico nos dias atuais. O referido artigo comenta que

---

XAVIER, Guilherme; HANNESCH, Ozana; CAMPOS, Guadalupe. **Estratégias para a confecção de ficha de diagnóstico em conservação: uma análise deontológica e avaliação de modelos utilizados em centros de referência estrangeiros.** PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. v. 13, n. 29, set-dez. 2023  
Disponível em: <<https://doi.org/10.35699/2238-2046.2023.46465>>

Todos os trabalhos que envolvam a conservação, restauração e a escavação devem ser acompanhados de uma documentação precisa, na forma de relatórios analíticos e críticos, podendo conter desenhos e fotografias [...] as etapas de consolidação, recomposição e integração e demais elementos técnicos e formais identificados ao longo do processo devem estar presentes. A documentação deve ser pública e estar disponível para consulta (International Council of Monuments and Sites, 2004, p. 37-38, tradução nossa).

Neste documento encontramos, portanto, novas exigências inerentes ao patrimônio, orientações que tratam do subsídio científico com o uso de parâmetros metodológicos de análises e descrição crítica e terminológica adequadas e, por isso, identificamos diretrizes quanto à documentação. Em menos de uma década é publicada a Carta de Restauração (1972), comentada no livro *Teoria da Restauração*, de Cesare Brandi (2008).

O Artigo 5º presente na Carta de Restauração é o primeiro a tratar da documentação de restauração mais detalhadamente. Sobre essa questão, esse documento relata que qualquer intervenção deverá ser:

[...] ilustrada e justificada por um relatório técnico em que constarão, além das vicissitudes da conservação da obra, seu estado atual, a natureza das intervenções consideradas essenciais e as despesas necessárias para lhe fazer frente (Ministério da Instrução Pública, 1972 *apud* Brandi, 2008, p. 229).

O mesmo artigo complementa que o relatório deve ser aprovado junto de um parecer prévio do profissional, a fim de auxiliar na identificação de casos urgentes ou duvidosos (Ministério da Instrução Pública, 1972 *apud* Brandi, 2008, p. 229). No Artigo 7º, Parágrafo terceiro, se encontram novas instruções quanto à documentação das anastiloses, que devem ser “[...] documentadas de modo seguro” (Ministério da Instrução Pública, 1972 *apud* Brandi, 2008, p. 231). E no Artigo 8º, aspectos sobre a documentação são reiterados, fazendo inclusive menção ao Artigo 5º já citado. Sobre isso nos diz:

[...] toda intervenção deve ser previamente estudada e justificada por escrito (último parágrafo do art. 5º) e de seu decorrer deverá ser elaborado um diário, que será seguido por um relatório final, com a documentação fotográfica de antes, durante e depois da intervenção. Serão ainda documentadas todas as pesquisas e análises eventualmente realizadas com o subsídio da física, da química, da microbiologia e de outras ciências (Ministério da Instrução Pública, 1972 *apud* Brandi, 2008, p. 232).

O documento finaliza o Artigo 8º enfatizando a necessidade de preservação de mais de uma cópia dessa documentação e sua disponibilização para consultas, quando se fizer necessário (Ministério da Instrução Pública, 1972 *apud* Brandi, 2008, p. 232).

Assim, a Carta de Restauração não apenas contemplou aspectos abordados em momentos anteriores (ex. Carta de Veneza, 1964) como assimilou e incorporou, por meio de novos campos, as discussões em voga na época como: o planejamento detalhado da intervenção, as responsabilidades inerentes ao conservador-restaurador e a aproximação com áreas afins como a física, a química e a microbiologia.

A Carta de Burra (1979), em seus artigos 31º e 32º, reforça algumas questões abordadas em documentos anteriores mencionados. Ela aconselha o registro quanto a decisões e evidências, devendo estas serem armazenadas em arquivo permanente e estarem disponíveis ao público (International Council of Monuments and Sites, 2004, p. 68). Já a Carta de Nara (1994) comenta de novas atribuições do conservador-restaurador ao definir que deve ser considerado, durante o processo de documentação, o registro de “[...] todo material escrito, oral e figurativo que torne possível o conhecimento da natureza, especificações, significados e história do patrimônio cultural” (International Council of Monuments and Sites, 2004, p. 119, tradução nossa).

Igualmente, no documento de Pavia<sup>4</sup> (1997) se enfatiza, ao citar as competências dos conservadores-restauradores, a importância de se documentar o objeto de intervenção, devendo estes profissionais assumirem suas responsabilidades. O referido documento enumera as seguintes competências inerentes ao profissional da Conservação-Restauração: o diagnóstico, a definição, a realização e a documentação da intervenção (ECCO, 2009, p. 218, tradução nossa).

A partir de sua experiência e trajetória profissional, Goren<sup>5</sup> também comentou sobre o papel da documentação ao dizer que o bem cultural é “[...] material com significado, pode ser artístico, histórico, científico, religioso e social, sendo assim um legado de valor incalculável e insubstituível que deve ser preservado para gerações futuras” (Goren, 2009, p. 129, tradução nossa). Por isso, ao se falar de documentação e das necessidades de intervenção em determinado objeto cultural, é necessário que se mantenha e produza “[...] informes completos e permanentes sobre os exames, amostras, investigação científica e tratamento realizado [...]” (Goren, 2009, p. 129, tradução nossa).

---

XAVIER, Guilherme; HANNESCH, Ozana; CAMPOS, Guadalupe. **Estratégias para a confecção de ficha de diagnóstico em conservação: uma análise deontológica e avaliação de modelos utilizados em centros de referência estrangeiros.** PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. v. 13, n. 29, set-dez. 2023  
Disponível em: <<https://doi.org/10.35699/2238-2046.2023.46465>>

O documento da European Confederation of Conservator-Restorers Organisations (ECCO) de 2002 não apenas enfatiza a importância da documentação como também traz algumas definições. Analisaremos as principais etapas da documentação de conservação, que compreendem: I – Exame diagnóstico; II – Proposta de tratamento; III – Tratamento; e IV – Síntese (Resultados). Segundo ECCO (2002), o exame diagnóstico (I) consiste na

[...] identificação, determinação da composição e valoração da condição do bem cultural; da identificação, natureza e gravidade das alterações, avaliação das causas de deterioração e a determinação do tipo e natureza do tratamento necessário [...] (European Confederation of Conservator-Restorers Organisations, 2002, p. 230, tradução nossa).

O exame diagnóstico pode ser compreendido como uma etapa da documentação, sendo ele a primeira avaliação do conservador-restaurador quando em contato com o objeto. É nessa fase que são realizados os exames organolépticos, podendo o conservador-restaurador recorrer ao uso de instrumentação científica (Goren, 2009, p. 130), a fim de obter uma identificação mais detalhada dos acometimentos à materialidade do objeto. Após essa avaliação inicial, o conservador-restaurador estaria apto a realizar a “proposta de tratamento”. Ao descrever essa etapa, Goren (2009, p. 129, tradução nossa) nos diz:

[...] depois do exame inicial e antes da intervenção, o profissional deverá preparar uma proposta na qual deve descrever o curso do tratamento [...] para a proposta devem ser considerados os objetivos e as justificativas para realização do tratamento, alternativas e riscos quanto ao tratamento a ser empregado.

Tendo avaliado o estado de conservação do objeto, o conservador-restaurador deve decidir o tipo de tratamento mais adequado, os riscos com aplicação dessa escolha, possíveis alternativas e as justificativas que os fundamentam. Nessa etapa se dá início a uma série de operações intelectuais onde são consideradas as prioridades, demandas institucionais, disponibilidade de recursos (financeiros e humanos) e a qualificação do corpo técnico. Segundo a ECCO, a documentação é, portanto, uma tarefa minuciosa que

[...] consiste em um cuidadoso registro gráfico e escrito de todos os procedimentos desenvolvidos, assim como a justificativa que os fundamenta [...] e a propriedade intelectual dos registros, devem ser levadas em conta para referências futuras (European Confederation of Conservator-Restorers Organisations, 2002, p. 229, tradução nossa).



Através dessa definição notamos que a documentação do objeto requer a utilização de recursos diversos e o encadeamento de etapas específicas, esclarecidas também por Ruiz de Lacanal (1999). Analisando os comentários da autora sobre o tema, percebemos que o ato de documentar segue regras específicas delimitadas por um método científico. Para ela (Ruiz de Lacanal, 1999, p. 266), é necessário que as etapas da documentação sigam necessariamente os seguintes estágios: investigação da origem (I), análise e interpretação dos dados coletados (II e III), e a síntese (IV). Nota-se certa similaridade das etapas de Ruiz de Lacanal (1999) com aquelas preconizadas pela ECCO (2002): toda ação deve ser registrada, justificada e embasada, através de evidências científicas (informações levantadas) ou por limitações outras como recursos materiais, conhecimento técnico ou demandas institucionais (ECCO, 2011). Assim, a confecção de modelos de fichas de diagnóstico deve considerar uma reflexão sobre as necessidades do acervo institucional e os campos presentes constituem o auxílio para o conservador-restaurador na gestão desse conhecimento. O diagnóstico pode ter alcance variado em concordância com a natureza e os significados inerentes ao bem cultural que se deseja documentar. Neste sentido, se devem considerar as circunstâncias, isto é, o contexto e necessidades do bem cultural (Goren, 2009, p. 129).

Preservar a integridade física pressupõe conhecer a materialidade do objeto. A compreensão da matéria física cumpre papel fundamental não apenas para a subsistência do objeto cultural, mas também para o desenvolvimento científico do campo disciplinar. De acordo com Ward (2010, p. 20-21), o acesso às informações e técnicas previamente estudadas permite ao profissional avaliar as melhores condições para a preservação ou tratamento de determinado objeto cultural, favorecendo a escolha de soluções mais adequadas. Por outro lado, após definir os limites do tratamento e aplicá-lo, o conservador-restaurador deve registrar os resultados obtidos. É nessa etapa que o profissional deve comunicar o sucesso do tratamento, os possíveis riscos e limitações de sua aplicação, bem como indicar ações futuras para o objeto, se necessário (European Confederation of Conservator-Restorers Organisations, 2011, p. 20-21).

Goren (2009, p. 129) compilou quatro tópicos com os quais elucida os propósitos da documentação de diagnóstico, são eles: a) estabelecer a condição do bem cultural; b) assistir no cuidado do bem cultural ao proporcionar informação útil para futuros tratamentos e aumentar o conjunto de conhecimentos acumulados da profissão; c) auxiliar o proprietário ou representante autorizado e a

sociedade em geral na apreciação e uso dos bens culturais, mediante a expansão da compreensão das características estéticas, conceituais e físicas do bem cultural; e d) ajudar o profissional de conservação: servindo de referência, auxiliando assim no desenvolvimento de conhecimento, constituindo em constâncias que ajudem a evitar mal-entendidos e debates desnecessários. Ao analisarmos os modelos de documentação utilizados por três instituições estrangeiras, será possível identificar quais destes aspectos e etapas, indicados na literatura de referência apresentada, estão presentes na estrutura destas fichas de diagnóstico e as soluções encontradas por cada instituição no ato de documentar os objetos bibliográficos. Ao final, pretendemos fazer considerações sobre a orientação apontada por Goren (2009) da necessidade de uma constante avaliação crítica referente ao conteúdo dessas fichas.

## **Os modelos de fichas estrangeiras: um parâmetro para os laboratórios brasileiros entre as décadas de 1980 e 1990**

É sabido que os primeiros modelos utilizados nos laboratórios brasileiros foram inspirados naqueles em uso, na época, pelos grandes centros de Conservação-Restauração no exterior. Por exemplo, analisando os modelos de fichas utilizados no Laboratório de Conservação-Restauração de Documentos Gráficos (LACRE) da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB)<sup>6</sup>, em especial os primeiros modelos adotados para a documentação de tratamento técnico, percebemos que a equipe desse espaço, na época composta por Lilian Beck Saad, Gilda Lefebvre e Maria Luisa Ramos de Oliveira Soares, buscou como parâmetro, a partir de 1979, modelos estrangeiros em uso por instituições de renome, como o Instituto de Restauração de Livros e Manuscritos da Biblioteca do Estado da Baviera, em Munique, e do ICCROM, em Roma. Não identificamos quais modelos especificamente inspiraram aqueles aplicados ao LACRE durante a década de 1980. Apesar disso, foi possível delimitar no contexto da FCRB, através das bolsas de estágio pleiteadas e das modificações identificadas nesses primeiros modelos implementados no LACRE, os prováveis países de onde esses modelos de documentação foram trazidos. Após identificarmos a origem desses modelos e sua importância para a consolidação de um modelo interno na FCRB, pensamos que o olhar para essa documentação em uso no exterior poderia, junto de outras abordagens mencionadas

---

XAVIER, Guilherme; HANNESCH, Ozana; CAMPOS, Guadalupe. **Estratégias para a confecção de ficha de diagnóstico em conservação: uma análise deontológica e avaliação de modelos utilizados em centros de referência estrangeiros.** PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. v. 13, n. 29, set-dez. 2023  
Disponível em: <<https://doi.org/10.35699/2238-2046.2023.46465>>

na dissertação de Guilherme Xavier (2022), do PPACT/MAST, possibilitar pensar criticamente sobre os modelos de documentação atualmente em uso no LACRE, sendo esses aplicados a objetos bibliográficos.

As fichas analisadas compreendem as utilizadas no(a): a) Laboratorio Barbáchano y Beny Patologia y Restauración de Papel (LBBPL), Madrid, Espanha; b) Biblioteca Nazionale Centrale di Firenze (BNCF), Itália; e c) Harry Ranson Humanities Research Center (HRHRC), Estados Unidos da América. Neste estudo são denominadas de ficha 1, 2 e 3, respectivamente. A escolha delas se deu por três motivos: a) o acesso e disponibilidade desses documentos; b) a possibilidade de análise de conteúdos diferentes na medida em que as fichas foram concebidas em contextos e com propósitos distintos, o que enriqueceria a discussão; e c) a aplicação em objetos bibliográficos.

### **A ficha do Laboratorio Barbáchano y Beny Patologia y Restauración de Papel (LBBPL)**

A ficha 1 foi um dos modelos trazidos ao LACRE e que teve aplicação a partir de 1996, quando do retorno do servidor Edmar Moraes Gonçalves de uma especialização<sup>7</sup> na Espanha, no LBBPL. Assim, além dos motivos indicados anteriormente, sua escolha foi justificada pelas influências nos modelos vigentes no LACRE. Por exemplo, a ficha de encadernação em uso por esse setor foi inteiramente aproveitada desse modelo do LBBPL, sendo apenas traduzida do espanhol (XAVIER, 2022, p. 298). Apesar de não ter sido possível identificar o momento exato em que essa ficha foi concebida, sabemos que essa empresa, fundada por Pedro Barbáchano<sup>8</sup>, teve início das atividades no ano de 1988<sup>9</sup>.

É uma ficha diagnóstica focada nos aspectos materiais da encadernação do objeto bibliográfico, tendo confluências advindas da disciplina de Codicologia (Benny, 1997, p. 10). Sua idealizadora, Ana Benny, verificou os contributos dessa disciplina e percebeu que a profunda descrição material dos objetos bibliográficos apresentava resultados promissores em relação a sua preservação. Assim, ao analisarmos essa documentação, é possível observarmos nas duas páginas que a compõe uma descrição minuciosa e precisa dos materiais constituintes da estrutura bibliográfica, sendo dividida da seguinte forma: a) uma primeira etapa (página 1) mais descritiva quanto a natureza, materialidade, estado de conservação do objeto em tratamento e tratamento aplicado;

---

XAVIER, Guilherme; HANNESCH, Ozana; CAMPOS, Guadalupe. **Estratégias para a confecção de ficha de diagnóstico em conservação: uma análise deontológica e avaliação de modelos utilizados em centros de referência estrangeiros.** PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. v. 13, n. 29, set-dez. 2023  
Disponível em: <<https://doi.org/10.35699/2238-2046.2023.46465>>

e b) uma segunda (página 2), voltada para a documentação referente a etapa de desmonte dos cadernos (se necessário), possuindo campos para se indicar (graficamente) como se encontrava a disposição dos mesmos e registro de quaisquer outras informações pertinentes identificados durante o ato.

Uma característica dessa ficha é a leitura e preenchimento na horizontal, da esquerda para a direita e de cima para baixo, sendo o cabeçalho na parte superior, as estruturas bibliográficas identificadas ao lado esquerdo (1ª coluna), o estado de conservação na parte central (2ª coluna), tratamento aplicado ao lado direito (3ª coluna) e mapa de cadernos (parte inferior, página 2), assim se subdividindo em: a) descrição do objeto; b) estado de conservação; c) tratamento; e d) documentação da encadernação. O preenchimento é sugerido por meio de linhas pontilhadas ao lado de cada campo correspondente a essas estruturas bibliográficas identificadas. Assim, deve-se assinalar com um "X" o campo identificado na estrutura de encadernação e, em seguida, informar sobre o estado de conservação ou tratamento aplicado correspondente.

Quanto à análise da ficha 1, encontramos a seguinte estruturação: a) cabeçalho com identificação do objeto que requer informações sobre a tipologia e natureza da encadernação em tratamento, época, suas dimensões (largura, altura e espessura) e quais agentes de deterioração encontrados em diagnóstico inicial por avaliação visual (insetos, microrganismos, umidade, uso, intrínsecos) – localizado na parte superior da ficha, página 1; b) campo para a descrição da estrutura e do tipo de material/técnica identificado no (a): cobertura, lombo, laterais, cabeceados, capas, guardas e miolo – localizado na 1ª coluna, página 1; c) campo para indicar o estado de conservação dos constituintes identificados – localizado na 2ª coluna, página 1; d) campo para indicar o tratamento aplicado às referidas estruturas – localizado na 3ª coluna, página 1; e) campo para inserção de esquemas gráficos e mapeamento de cadernos, sendo necessário indicar a disposição dos fólhos e sua ordem, e inserção de outras informações pertinentes que foram identificadas no decorrer da etapa de desmonte do objeto bibliográfico – localizado na parte inferior da ficha, página 2. Ao final de cada página identificamos um campo para observações que, pelo número de linhas, sugere livre preenchimento por extenso. Percebemos, ao lado dos pontilhados, um espaço (retangular) em branco no campo denominado "guardas" (1ª coluna, página 1), sugerindo ser uma tentativa de mapeamento

dos danos identificados nessa estrutura. Na parte lateral da folha correspondente aos esquemas gráficos e mapa de cadernos (página 2), identificamos um campo que se assemelha a um cabeçalho para informar o número de registro da obra, data de entrada e saída do laboratório.

Apesar disso, não encontramos nessa ficha campos para inserção de fotografias e identificação do profissional que realizou o tratamento, tão pouco parâmetros (por extenso ou numérico) para definir o estado de conservação dessas estruturas.

## **A ficha da Biblioteca Nazionale Centrale di Firenze (BNCF)**

A ficha 2 surge em um contexto motivado por transformações em relação à preservação do patrimônio bibliográfico na Itália, em especial após o evento da enchente que assolou a cidade de Florença em 1966 (Rossi; Guasti, 1987, p. 19- 20). Ademais é uma ficha de amplo espectro, utilizada em instituições públicas e privadas na Itália. Na ocasião do referido sinistro não havia, na Itália, um órgão que centralizasse as atividades de conservação-restauração de obras em suporte papel, o que causou certa dificuldade quanto à escolha das formas de documentação e metodologia de tratamento adequadas para os livros afetados pelo sinistro. A partir de 1975, com o intuito de melhor gerir o patrimônio bibliográfico italiano, é criado o Instituto di Patologia del Libro (ICPL), na época incorporado ao Ministério do Patrimônio Cultural e Ambiental (Rossi; Guasti, 1987, p. 19- 20). O então denominado ICPL se constituía de uma rede de laboratórios (públicos e privados) e tinha como missão orientar, no contexto italiano, as atividades de conservação-restauração do patrimônio bibliográfico, tendo papel coadjuvante na elaboração da documentação de diagnóstico utilizada no âmbito da BNCF (Rossi; Guasti, 1987, p. 19-20). O grupo de trabalho, composto em sua maioria de conservadores-restauradores, pensando na transmissão do conhecimento da materialidade dos livros às gerações futuras, encontraram na Codicologia e na Paleografia instrumentos analíticos mais adequados a estes objetivos (Rossi; Guasti, 1987, p. 37-38). Esse contexto (do projeto *Scheda*<sup>10</sup>) foi favorável à criação de nova disciplina, então denominada “Arqueologia do livro” (Rossi; Guasti, 1987, p. 38-39). Pelas confluências comentadas, a ficha 2 também priorizou a descrição minuciosa da materialidade dos objetos bibliográficos, trazendo inclusive a incorporação de outros recursos gráficos e uso de notas explicativas, não identificados na ficha 1 (LBBPL). Por esse motivo, quando comparada com a primeira ficha analisada, é uma ficha mais extensa, tendo um total de oito páginas.

---

XAVIER, Guilherme; HANNESCH, Ozana; CAMPOS, Guadalupe. **Estratégias para a confecção de ficha de diagnóstico em conservação: uma análise deontológica e avaliação de modelos utilizados em centros de referência estrangeiros.** PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFGM. v. 13, n. 29, set-dez. 2023  
Disponível em: <<https://doi.org/10.35699/2238-2046.2023.46465>>

Quanto à análise da ficha 2, encontramos a seguinte estruturação: a) cabeçalho com identificação da obra, com informações sobre origem do acervo, técnica e materiais, local, editor, tipógrafo, as dimensões do volume com capa e sem capa, com campo para a indicação de elementos decorativos como miniaturas, desenhos, incisões, outros e identificação sobre o profissional responsável pelo tratamento – página 1; b) campo para a indicar uma proposta de tratamento inicial (tipo de restauro, técnica a ser utilizada), identificando se será um restauro completo (capa e miolo) ou parcial (somente capa ou miolo), sendo necessário indicar o procedimento a ser realizado (no caso de restauro de encadernação, se deve indicar se será desmonte total ou parcial da obra) – página 1; c) no campo “*Notizie sull’ opera*” há categorias para descrição da proveniência e histórico da obra, sendo necessária identificação do fundo e coleção, evidenciando quaisquer outros aspectos que possam influenciar na intervenção de restauro, etapa na qual se deve indicar a existência de intervenções anteriores, sinalizando sua localização (nesse campo também deve se indicar, por meio das relações cronológicas entre encadernação e texto, se a encadernação é original de época ou contemporânea) – página 2; d) campo para registro dos parâmetros ambientais (temperatura e umidade relativa) na sala de conservação onde a obra será tratada – página 2; e) campo para indicar o procedimento de desinfecção e desinfestação a ser realizado no objeto, sendo necessária a descrição da técnica utilizada (podendo ser manual com uso de trinchas, sucção ou outro meio) e quem realizou o tratamento (no caso de empresas, indicar o nome) – página 2; f) campo para descrição do objeto e do estado de conservação, sendo duas etapas realizadas em concomitância – à medida que se descreve, se avalia o estado de conservação dos elementos estruturais –, tendo, ao final da página, um campo para descrição detalhada do estado de conservação do suporte – página 3; g) espaço para inclusão de esquemas gráficos, apresentando inclusive um modelo de como preencher este campo, requerendo ainda que seja discriminada particularidades quanto ao uso do objeto (na instituição), motivação da restauração e outras informações reunidas (pesquisas) em relação ao tratamento que se pretende executar – página 4; h) campos que identifiquem as características de intervenção e procedimentos a serem executados (proposta detalhada), sendo necessário precisar materiais e técnicas a serem empregados e, no caso de exames/testes (pH e solubilidade), se deve indicar em qual área será realizado e os resultados – página 5; i) ainda parte da proposta de tratamento, apresenta em seguida uma tabela relacionando os materiais originais da encadernação que devem ser mantidos e os que devem ser substituídos, bem como os

procedimentos e materiais a serem empregados – página 6; j) campos para observação, notas e indicação dos custos com o tratamento, tendo, na última folha, uma síntese de todo o tratamento executado – páginas 7 e 8.

Apenas pela análise do cabeçalho é possível notar que essa ficha não priorizou apenas a descrição dos materiais da encadernação. Logo no começo, apresentou informações gerais do objeto a ser tratado, ponto positivo se recordarmos os comentários de Goren (2009, p. 128) sobre informe preliminar. Diferentemente da ficha 1, essa incorporou campos que enfatizaram a importância dos registros históricos, tema igualmente comentado por Goren (2009, p. 130). Tanto os referentes às restaurações precedentes quanto aqueles relacionados à proveniência da obra foram requeridos na página 2, no campo “*Notizie Sull’Opera*”.

Apesar de verificar a existência de documentação de tratamento anteriores, a ficha não sugeriu ou indicou campo para inserção de fotografias do tratamento em momento presente, por exemplo, indicando um campo para inclusão de “anexos”. A ficha também priorizou os registros dos parâmetros ambientais do local em que o objeto foi tratado, aspecto importante se considerarmos a sensibilidade de alguns materiais a determinados tipos de ambientes e o tipo de tratamento a ser aplicado, por exemplo, aqueles por umectação que fazem uso de vapores químicos e que exigem um controle mais apurado das condições ambientais. Indicou, mesmo que de modo limitado (página 6), campos que permitem avaliação de um planejamento em relação a avaliação de necessidades contextuais, sendo eles: “tempo de trabalho em horas” e “custo dos materiais empregados”. Por exemplo, a avaliação das necessidades em determinado tratamento, isto é, identificar os insumos e recursos pessoais e financeiros é um aspecto indicado no documento da ECCO (2011, p. 20-21) e considerado importante para planejamento futuro no caso de situações que venham a requerer tratamento semelhante.

### **A ficha do Harry Ranson Humanities Research Center (HRHRC)**

A ficha 3, elaborada a partir de 1995, é fruto do projeto intitulado *Photograph Album Survey* de diagnóstico de álbuns fotográficos, cujos textos integram o livro *Conservation of Scrapbooks and Albums*, publicado em 1999. Além dos motivos citados, há de se destacar o contexto em que ela foi concebida, no caso, a inserção das informações coletadas com aplicação da ficha diagnóstico em

uma base de dados, o que despertou interesse para análise no âmbito da pesquisa (Xavier, 2022). Assim, a análise dessa ficha se justificou não apenas por ela ter documentado de forma satisfatória a materialidade dos objetos bibliográficos, mas também por ter abordado outro tema imprescindível ao desenvolvimento científico do campo da Conservação-Restauração, como o vocabulário controlado, se preocupando com o uso futuro dessa informação e prezando pela qualidade da informação coletada.

Diferentemente da ficha 2, essa optou por reunir as notas explicativas, apresentação de modelos gráficos a serem adotados e outras instruções de preenchimento em um único documento, o Glossário. Portanto, diferentemente das duas primeiras fichas analisadas, o preenchimento da ficha 3 exigiu que os profissionais responsáveis pela documentação dos álbuns fotográficos se informassem previamente sobre como preencher e o que inserir em cada campo, permitindo assim um controle mais efetivo das informações e garantindo, em caso de pesquisas futuras relacionadas a esses álbuns, a qualidade dos dados coletados. Nas palavras de Brown (2000, p. 65), esses dados sobre os álbuns fotográficos, devidamente inseridos na base, poderiam ser utilizados de maneira didática para diversos fins, seja na demonstração de possíveis tratamentos a esta tipologia documental, na pesquisa sobre técnicas de fotografias utilizadas, fotógrafos de época, ou até mesmo na eficácia dos tratamentos aplicados a esta tipologia documental.

Quanto à análise da ficha 3, identificamos um total de quatro páginas e que ela se divide em três grandes etapas, sendo elas: a) descrição da materialidade dos álbuns (com espaço para indicar a montagem original do álbum, antes do tratamento); b) condição física (estado de conservação); e c) tratamento aplicado (com espaço para representação da montagem do álbum ao final, pós-tratamento).

Em relação à etapa de “descrição”, temos a divisão em: capa, cabeceados, folha de guarda, carcelas (conexões), lombo (espinha), suporte (folhas do álbum), fotografias e espaço para desenho dos cadernos (montagem). Destacamos algumas informações novas, talvez pela natureza peculiar dos álbuns fotográficos, como a indicação do grau de flexibilidade da capa, sendo necessário indicar seus limites de abertura (90° a 180°) e possíveis padrões ou grão da superfície de cobertura. Outras informações peculiares e importantes para a etapa descritiva também foram identificadas, tais como: peso das folhas, da capa do álbum e gramatura do cartão utilizado para fixação das



fotografias. Ainda na etapa descritiva, a ficha contempla um mapeamento de reparos anteriores. Conforme comentado por Brown (2000, p. 88, tradução nossa), “[...] a localização do reparo, seja no texto, na capa ou em uma fotografia deve ser especificado, há espaços destinados na ficha e na base de dados para inclusão de detalhes e descrição dos reparos”, aspecto importante para avaliação de tratamentos mais adequados e para avaliar o uso de determinada técnica em momento futuro. Informações contextuais também foram identificadas nessa primeira etapa descritiva, com destaque para os campos presentes no cabeçalho, na página 1, denominados “assunto”, que se subdivide em “pessoas”, “lugares”, “coisas”, “eventos” e “datas”, e “história”, que se subdivide em “etiquetas”, “assinaturas”, “anotações”, “história verbal e escrita”.

Em relação à “condição física” ou ao “estado de conservação”, temos a avaliação da capa, junções, suporte, fotografias e condição geral (ao final). Identificamos, diferentemente das demais fichas analisadas, a proposta de avaliação por meio de escala numérica para cada item. Ao analisarmos a coluna presente na página 2 da ficha 3 (página 82 do livro *Conservation of Scrapbooks and Albums*), observamos que para cada parte do álbum, isto é, para sua capa, junções, suporte e fotografias, há uma relação dos possíveis danos e ao lado se deve indicar a sua intensidade da seguinte forma: 0, 1, 2, 3. Para essa ficha, o Glossário indica cada nível do estado de conservação a ser considerado.

Por fim, a etapa “tratamento” compreende: um cabeçalho de identificação no começo da página e campos descritivos para detalhamento do procedimento aplicado. Destaca-se a necessidade de inclusão de esquemas gráficos registrando o antes e depois do tratamento, a fim de verificar se a solução de montagem adotada, quanto a encadernação e fixação de fotografias, foi a mesma. Caso tenha sido necessário adotar soluções diferentes, divergentes da montagem original, há orientação (em Glossário) para que essas sejam registradas no campo em branco denominado “*Treatment Report*”. Nessa etapa também devem ser indicados o tempo de tratamento, especificando a quantidade de horas trabalhadas para cada folha e o profissional responsável.

## O Diagnóstico de Conservação-Restauração: uma análise de seu conteúdo

Por se tratar de um recorte do trabalho de dissertação e com o objetivo de enriquecer essa reflexão sobre a documentação de conservação, analisaremos campos divergentes existentes nas fichas mencionadas, alguns citados no item anterior. A partir de análise prévia desses modelos, foi possível mapear soluções eficazes para o registro e coleta das informações inerentes ao diagnóstico de conservação, fornecendo subsídios para a formulação de uma proposta de ficha<sup>11</sup> a ser adotada para o acervo bibliográfico raro da Fundação Casa de Rui Barbosa.

Devido à quantidade de informações identificadas nessa etapa, apresentaremos no âmbito deste artigo os aspectos identificados em quatro categorias:

- I. Configuração das fichas;
- II. Notas, siglas, abreviaturas e glossário;
- III. Recursos gráficos;
- IV. Informações contextuais.

### Configuração das fichas

Inicialmente buscamos analisar aspectos gerais pertinentes à organização da informação, isto é, de que forma elas foram apresentadas e se estavam condizentes com as etapas do diagnóstico indicadas pela literatura do campo da Conservação-Restauração. No âmbito deste artigo, a abordagem não contemplará indicar todas as etapas consideradas, mas as diferenças observadas e as soluções adotadas pelas instituições mencionadas em relação ao preenchimento de suas fichas. Percebemos, ao compararmos os três modelos, que cada ficha possui recursos próprios, que conduzem e orientam a inserção das informações de diagnóstico.

A ficha 1, por exemplo, ao tratar da avaliação do estado de conservação, indicou de modo pontual campos a serem preenchidos. Dos exames organolépticos até a descrição da estrutura de encadernação, observamos que a ficha 1 (Fig. 1) não sugeriu opções de preenchimento, confiando a escolha do tipo de informação a ser inserida (termos técnicos) ao conservador-restaurador.

---

XAVIER, Guilherme; HANNESCH, Ozana; CAMPOS, Guadalupe. **Estratégias para a confecção de ficha de diagnóstico em conservação: uma análise deontológica e avaliação de modelos utilizados em centros de referência estrangeiros.** PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. v. 13, n. 29, set-dez. 2023  
Disponível em: <<https://doi.org/10.35699/2238-2046.2023.46465>>

Isso também se aplicou a algumas siglas e parâmetros do estado de conservação. A livre escolha quanto ao uso dos termos talvez tenha relação com o contexto restrito em que essa ficha foi aplicada, no caso, a de um ateliê particular. Possivelmente os termos utilizados eram os mesmos entre a equipe e, considerando seu propósito, foi dispensável tal orientação de preenchimento.

ESTADO DE CONSERVACION	TRATAMIENTO
<input type="checkbox"/> Rozaduras .....	<input type="checkbox"/> Desmontaje .....
<input type="checkbox"/> Manchas .....	<input type="checkbox"/> Limpieza .....
<input type="checkbox"/> Zonas Perdidas .....	<input type="checkbox"/> Consolidación .....
<input type="checkbox"/> Grietas .....	<input type="checkbox"/> Laminación <input type="checkbox"/> Definitiva <input type="checkbox"/> Protección
<input type="checkbox"/> Despredimiento .....	Adhesivo ..... Soporte .....
<input type="checkbox"/> Arrugas .....	<input type="checkbox"/> Reconstrucción Material .....
<input type="checkbox"/> Encogimiento .....	<input type="checkbox"/> Sobreposición Adhesivo .....
<input type="checkbox"/> Deformaciones .....	<input type="checkbox"/> Restauración Teñido .....
<input type="checkbox"/> Debilitamiento .....	<input type="checkbox"/> Sustitución .....
<input type="checkbox"/> Grado de deterioro ..... <b>a</b>	Montaje .....
	Prot. Final .....

Figura 1. Campos sem sugestão de preenchimento. Fonte: Laboratorio Barbáchano y Beny Patología y Restauración de Papel. a - Não há indicação do grau/parâmetros de deterioração; b - Ausência de sugestões. Imagem: Xavier (2022).

O livre preenchimento identificado na ficha 1 pode se apresentar como um problema para o pesquisador que terá acesso à informação no futuro, pois o tipo de registro inserido pelo profissional pode variar de acordo com seu grau de conhecimento, capacidade interpretativa e experiência profissional. A divergência entre conteúdos informacionais pode ocasionar a inserção de informações repetidas ou incompletas em bases de dados e problemas de interpretação (Brown, 2000, p. 65-66). Os comentários de Brown (2000) sugerem a existência de um problema frequente no campo de Conservação-Restauração: a ausência de um vocabulário comum. As orientações do Art. 5º da Carta de Restauração indicaram a variedade de termos técnicos que podem ser identificados na documentação de conservação. A análise interdisciplinar realizada pelo conservador-restaurador durante o diagnóstico, sobretudo as pesquisas com o subsídio da física, da química, da microbiologia e de outras ciências, reforçam a necessidade de se padronizar os termos técnicos em uso nesse campo científico, em especial por se tratar, conforme Artigo 8º da Carta de Restauração, de um documento de consulta pública (Ministério da Instrução Pública, 1972 *apud* Brandi, 2008, p. 232).

Em relação a esse tema, a ficha 2 também trouxe contribuição. Ela trabalhou a análise concomitante de etapas, apresentando um layout de interesse (Fig. 2) no qual fosse possível uma coleta que atendesse a todas as etapas do diagnóstico, não deixando a desejar quanto ao conteúdo. Por exemplo, na página 3, no campo “*Descrizione del Volume e Stato di Conservazione*”, observamos que, conforme se descreve o objeto e suas partes, igualmente se avalia seu estado de conservação, tudo em uma mesma etapa. Por exemplo, ao descrever os materiais de encadernação, se deve indicar o tipo, material de cobertura e as decorações e, em seguida, indicar seu estado de conservação. O mesmo ocorre para as demais estruturas, sempre nessa ordem: tipologia, seguido do material constituinte e seu estado de conservação. A sugestão de condensar duas etapas em uma aparenta ser interessante, contanto que não se perca ou que seja omitida qualquer informação. Assim, seria possível uma ficha compacta e sem comprometimento do conteúdo.

DESCRIZIONE DEL VOLUME E STATO DI CONSERVAZIONE

**Legatura** (tipologia) **a**

- Floscia
- Semifloscia
- Rigida
- Assi lignee
- Assente

Coperta

- Pergamena
- Cuoio
- Pelle allumata
- Carta/cartone
- Altro .....

Decorazione della coperta

- Ferri a secco
- Ferri con oro
- Altro .....

**c** Stato di conservazione  pessimo  mediocre  discreto **b**

Cucitura: n. nervi ..... **a** tipologia  doppi  singoli  altro .....

Materiale dei nervi:

**d**  spago  pelle allumata  cuoio  pergamena  altro .....

**d** Stato di conservazione della cucitura:  pessimo  mediocre  discreto

Figura 2. Descrição da estrutura e avaliação do estado de conservação em mesma etapa. Fonte: Laboratorio di restauro della Biblioteca Nazionale Centrale di Firenze. a - Descrição da tipologia (com exceção do campo “decorazione della coperta” sobre elementos decorativos, os demais são similares aos da ficha 1); b - Parâmetros do estado de conservação; c - Estado de conservação das estruturas da encadernação; d - Estado de conservação da costura. Imagem: Xavier (2022).

## Notas, siglas, abreviaturas e glossário

Diferentemente da ficha 1, identificamos que as fichas 2 e 3 foram concebidas por instituições de pesquisa, com contribuição de diversos órgãos públicos e privados. Esse contexto interdisciplinar favoreceu a implementação de soluções/recursos eficientes na coleta de informações, que possibilitou melhor aproveitamento dos dados inseridos, como é o caso da ficha 3. Além disso, ambas foram concebidas com o propósito de diagnosticar coleções dentro de contextos específicos, estando a ficha da BNCF incumbida de documentar o acervo em papel impactado pelo dilúvio de Florença de 1966 e a do HRHRC, os álbuns fotográficos da Universidade do Texas (Xavier, 2022).

Devido ao volume de informações a serem identificadas por essas instituições, foi necessária a adoção de uma metodologia de documentação que compreendesse a existência de um vocabulário controlado e uma padronização do preenchimento (Xavier, 2022). Essa experiência favoreceu, no âmbito da BNCF e do HRHRC, a incorporação de estratégias para melhor gerir as informações reunidas durante a etapa documental. Analisando as fichas 2 e 3 é possível perceber que cada etapa do diagnóstico é acompanhada de uma sugestão de preenchimento e/ou de uma orientação ao conservador-restaurador. Vejamos a solução encontrada pela BNCF para orientar o preenchimento (Fig. 3).

**Carte:** stato di conservazione<sup>5</sup> **a**.....  
.....  
.....  
.....  
.....

**Fascicolazione**<sup>6</sup>

**b** <sup>4</sup>Si descrivono sommariamente materiali e tecniche impiegate per la manifattura delle altre componenti della legatura indicandone lo stato di conservazione (P = pessimo, M = mediocre, D = discreto).  
<sup>5</sup>Segnalare la presenza di lacune, tagli e strappi, macchie, gore, imbrunimenti, sospetta acidità od ossidazione precisando le carte nelle quali si riscontrano tali alterazioni.

Figura 3. Notas de rodapé e orientações de preenchimento. Fonte: Laboratorio di restauro della Biblioteca Nazionale Centrale di Firenze. a - Número indicando presença/instrução em rodapé; b - Sugestão de preenchimento. Imagem: Xavier (2022).

Analisando as notas presentes na ficha 2 (Fig. 3) identificamos que são sugeridas siglas para indicar três níveis de condição de acometimento da estrutura por determinado dano, sendo eles: P = péssimo, M = medíocre, D = discreto. Apesar da indicação dos parâmetros, a ficha não caracterizou para cada nível o estado de conservação correspondente. A ficha 3 indicou por escala numérica a condição de acometimento da estrutura por determinado dano, sendo possível, pelas características descritas, indicar de modo preciso o estado de conservação. Considerando a quantidade de informações que necessitaria ser organizada e compilada, o HRHRC adotou a confecção de um glossário (Fig. 4) para guiar o conservador-restaurador. Nesse documento, as orientações ocorreram principalmente por meio de notas explicativas, sendo possível relacionar todas as siglas e abreviauras utilizadas e as definições, descrições e inserção de esquemas gráficos (desenhos). Através desse último recurso foi possível indicar como desenhar, por exemplo, a montagem da encadernação dos álbuns fotográficos do HRHRC. Assim, o aprimoramento do acesso à informação dos objetos da instituição era prioridade, na medida que eles seriam inseridos em uma base de dados e disponibilizados para consulta (Brown, 2000). Para esse caso, o glossário se apresentou como uma solução eficaz de padronização do conteúdo informacional no âmbito da instituição.

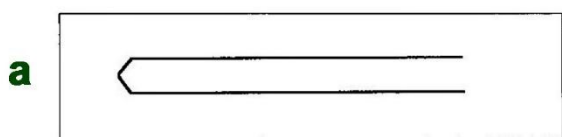


Fig. 3. Folded leaf construction.

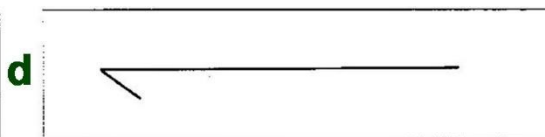


Fig. 6. Returning guard.

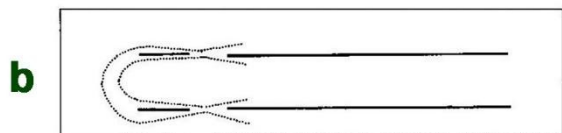


Fig. 4. Guarded leaf construction with stubs.

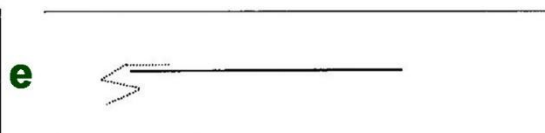


Fig. 7. Single leaf construction with attached compensation stubs.

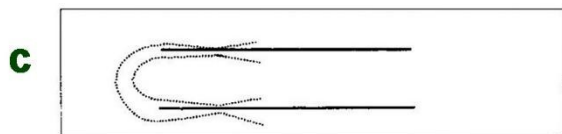


Fig. 5. Guarded leaf construction without stubs.

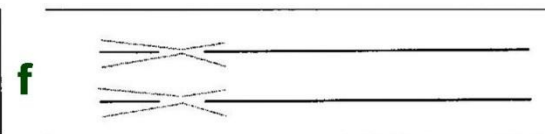


Fig. 8. Single leaf construction with stubs.

Figura 4. Esquemas gráficos no glossário. Fonte: Harry Ranson Humanities Research Center. Imagem do glossário, p. 91 do *Conservation of Scrapbooks and Albums*. a; b; c; d; e; f - Modelos gráficos a serem utilizados no preenchimento da ficha. Os exemplos b, c e d representam a folha de guarda. Imagem: Xavier (2022).

## Recursos gráficos

Analisando a ficha 1, por exemplo, identificamos recursos gráficos (Fig. 5) para documentar a configuração dos cadernos, isto é, o conjunto de fólhos, percurso da linha de costura e cabeceados, as camadas de compensação no lombo do livro, dentre outras informações da encadernação. Orientações a respeito do uso desse recurso foram indicadas no Artigo 16º da Carta de Veneza ao tratar dos trabalhos que envolviam a conservação, restauração e a escavação de objetos culturais naquele período. Esse artigo relatou a necessidade de uma documentação precisa com uso de relatórios analíticos e críticos, podendo conter desenhos e fotografias (International Council of Monuments and Sites, 2004, p. 37-38, tradução nossa). As definições da ECCO (2002, p. 229), sobre documentação de acervo bibliográfico, também evidenciam o uso desses recursos, o que reforçou sua importância de inclusão.

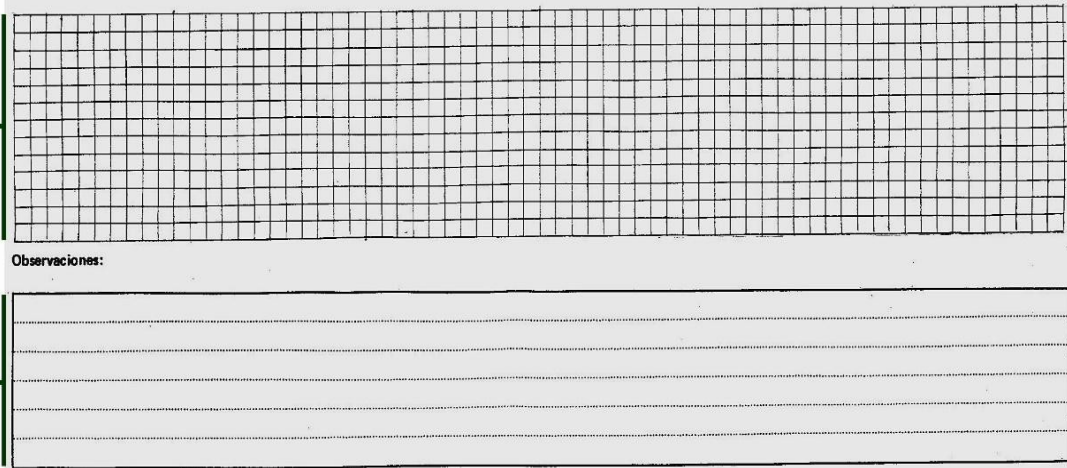


Figura 5 mostra um formulário dividido em duas seções principais. A seção superior, rotulada com a letra 'a' em verde à esquerda, contém uma grade de 20 colunas e 15 linhas para a inclusão de esquemas gráficos. Abaixo da grade, há o rótulo 'Observaciones:' em uma fonte menor. A seção inferior, rotulada com a letra 'b' em verde à esquerda, é composta por cinco linhas horizontais espaçadas para a inclusão de observações textuais.

Figura 5. Espaço para inclusão de esquemas gráficos. Fonte: Laboratorio Barbáchano y Beny Patología y Restauración de Papel. a - Possível espaço para ilustrar a montagem/costura; b - Espaço para inclusão de observações. Imagem: Xavier (2022).

Apesar da existência do referido campo, a ficha 1 não indicou, por meio de exemplos, como o conservador-restaurador deve proceder no momento de inserção dessa informação. Contudo, a ficha 2 possui orientações de preenchimento através de notas explicativas com recursos previamente descritos. Além disso, a referida ficha exemplifica como esses desenhos devem ser feitos

(Fig. 6). O esquema gráfico contemplou uma solução para indicação da linha da costura entre cadernos e a presença do adesivo para união dos fólhos por carcela (Fig. 6, a). A carcela/adesivo é representada pelo traço em negrito unindo as folhas 73 e 74.

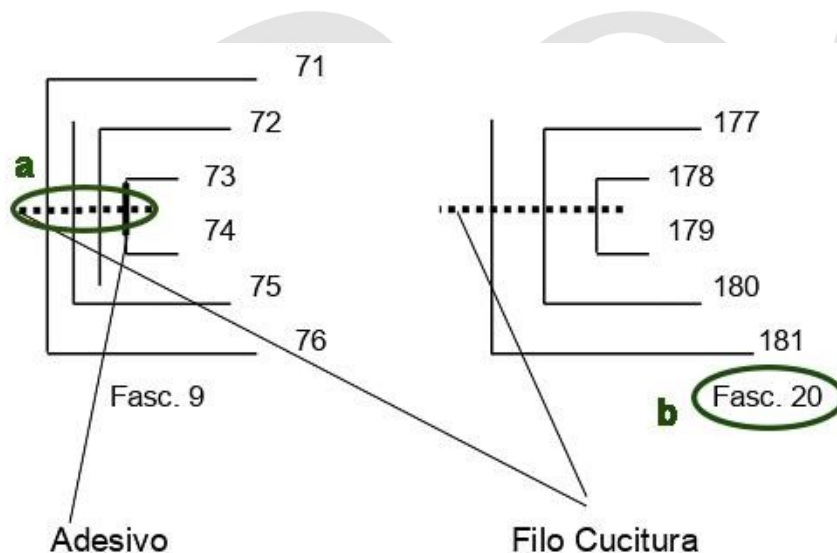


Figura 6. Orientação sobre o mapa de cadernos da ficha 2. Fonte: Laboratorio di restauro della Biblioteca Nazionale Centrale di Firenze. a - Nível de detalhamento (indicação da costura); b - Número do caderno correspondente. Imagem: Xavier (2022).

## Informações contextuais

As análises das fichas estrangeiras também permitiram identificar campos para inclusão de informações da história do objeto e demandas institucionais, aspectos importantes comentados por autores como Ruiz de Lacanal (1999) e Goren (2009). Na ficha 2, por exemplo, é possível identificar um campo denominado “*Notizie sull’opera*” (Fig. 7) e, na ficha 3 outro intitulado “*description*”, subcampo “*history*”. Embora o campo “*Notizie sull’opera*” não apresente opções de preenchimento, ao pé da página, a ficha orienta quanto ao tipo de informação a ser inserida. O campo “*description*”, subcampo “*history*”, sugere opções de preenchimento combinando o uso de siglas, como é o caso das identificadas: O (*Other*), M (*Missing*), NA (*Not applicable*), NV (*Not visible*), NI (*Not enough information*). Esses campos são importantes na medida em que o tipo de informação coletada oferece subsídios ao conservador-restaurador no momento de valoração do bem cultural (Fig. 7, a)





Alguns campos referentes a elementos da encadernação que narram a história do objeto apenas foram identificados na ficha 3, no campo “description” e subcampo “history”. Informações que auxiliam na compreensão do contexto e percurso do objeto, como etiquetas, assinaturas, anotações, história verbal e escrita, foram verificadas nos campos supracitados. Acreditamos que isso se deu pela característica única do projeto e dos objetos nele contemplados. O texto de Laura Downey (2000) intitulado “Images of the Southwest: A Tourist Album”, compilado no livro *Conservation of Scrapbooks and Albums*, indica uma peculiaridade desse acervo: os álbuns fotográficos. De acordo com Downey (2000, p. 4-5), o conteúdo das fotografias apresenta uma narração que deve ser interpretada e documentada. Ela cita o termo “descrição narrativa”, que é utilizado por Brown (2000) no glossário. Esse testemunho reafirma a hipótese apresentada por Goren (2009) sobre a peculiaridade de cada acervo, projeto e as diferentes realidades institucionais.

## Considerações finais

A análise deontológica do campo da Conservação-Restauração forneceu subsídios para compreender a evolução do conceito e as etapas inerentes à documentação de diagnóstico. Essa investigação permitiu identificar o quão benéfico foi a aproximação do campo da Conservação-Restauração com áreas afins como a codicologia e a bibliografia material, em especial no desenvolvimento de formas de documentação. Auxiliou-nos, quando refletimos junto de modelos de fichas estrangeiras, na identificação de etapas metodológicas a serem seguidas antes, durante e após uma intervenção, confirmando campos e termos conciliados a cada estágio documental.

A partir da análise das fichas mencionadas, percebemos que os objetos bibliográficos têm sido documentados a partir de perspectivas distintas, sendo possível notar uma correlação entre: a) ações de conservação, b) objetivos institucionais e c) uso futuro da informação, seja para tratamento, pesquisa de materiais ou projetos institucionais. Assim, uma análise conjunta das necessidades do acervo e demandas institucionais se apresentam como alternativas para a escolha de soluções e estratégias adequadas que auxiliem na construção de um modelo de ficha de diagnóstico ideal.

O contexto analítico permitiu reconhecer que a documentação de conservação deve ser periodicamente revisada de acordo com modificações percebidas na matéria física do objeto (problemas de conservação), demandas institucionais (exposições, ocorrência de sinistros, digitalização de

coleções), projetos de pesquisa e avanços dessa área. Independentemente da demanda apresentada, os registros nas fichas devem ocorrer de modo consciente, de acordo com as necessidades do projeto de pesquisa, diagnóstico de coleções ou tratamento interventivo a ser realizado.

Como foi possível observar a partir da análise das fichas 1, 2 e 3, a documentação de diagnóstico pode, quando bem planejada, ser uma ferramenta útil na construção e condução do próprio projeto de conservação, diagnóstico e pesquisa científica, auxiliando assim na evolução do campo científico. São variados os benefícios que podem ser pleiteados caso a documentação seja bem planejada. Como exemplo, citamos alguns temas identificados nas três fichas: os estudos sobre a interação e envelhecimento de materiais; a reversibilidade; o planejamento de intervenção; o gerenciamento de riscos; e outras ações futuras que envolvam a gestão de diagnóstico e aplicação de técnicas de conservação e restauração. Informações sobre a história do objeto também foram levantadas nos modelos da BNCF e HRHRC e contribuíram no âmbito desses projetos. Por fim, destacamos o mapa de cadernos (Fig. 5), recurso identificado na ficha 1 e que tem contribuição para o planejamento de intervenção e pesquisas futuras relacionadas a materialidade e fabrico do objeto restaurado.

Considerando a possibilidade e a necessidade de se consultar essas informações em momento posterior, entendemos que pensar criticamente a concepção de fichas de diagnóstico é algo a ser considerado na prática laboratorial e no âmbito das instituições brasileiras. Assim, o recorte também indica que não existe um modelo ideal/estático de ficha, mas a necessidade de adaptação da documentação de diagnóstico de acordo com a realidade das instituições. Por esse motivo, a apropriação de modelos de outras instituições pode não ser a solução ideal quando há necessidade de atualização das fichas em uso, problema comum nas instituições brasileiras.

A análise dos recursos incorporados nas fichas estrangeiras indicou a importância desses elementos na condução do preenchimento, assegurando para cada instituição a qualidade e precisão das informações coletadas. O glossário (Fig. 4), no âmbito da ficha 3, foi o recurso que materializou a importância do controle de qualidade da informação inserida na medida em que ele compilou instruções de preenchimento, significado de siglas e abreviaturas e modelos gráficos como sugestão para o conservador-restaurador.

A necessidade de adoção de um vocabulário comum ao campo científico da Conservação-Restauração se apresentou como uma demanda e isso pôde ser verificado através da análise das fichas de diagnóstico em uso pelas instituições estrangeiras contempladas no presente artigo. Apesar de alguns pontos em comum, observamos que as fichas analisadas não apresentaram os mesmos termos técnicos, por exemplo, a avaliação do estado de conservação foi compreendida de forma distinta entre as três instituições. Assim, os desafios envolvendo uma difusão e compreensão universal dos termos utilizados na documentação de diagnóstico é um problema a ser discutido também entre as instituições brasileiras, sendo necessário a fomentação de debates, eventos e publicação de trabalhos científicos envolvendo a temática.

## REFERÊNCIAS

BENNY, A. O caminho de volta: do restauro ao livro. **Boletim da Associação Brasileira de Encadernação e Restauro**, São Paulo, ano 9, n. 2, p. 9-11, ago./set. 1997.

BRANDI, C. **Teoria da Restauração**. 3. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

BROWN, M. Developing a Conservation Surveys Database for Photograph Albums. *In: AMERICAN INSTITUTE FOR CONSERVATION OF HISTORIC AND ARTISTIC WORKS. Conservation of Scrapbooks and Albums: Postprints of the Book and Paper Group/Photographic Materials Group Joint Session at the 27th Annual Meeting of the American Institute for Conservation of Historic and Artistic Works, June 11, 1999, St. Louis, Missouri. Washington, D. C: The Institute, 2000. p. 65-68.*

CALDARARO, N. L. An Outline History of Conservation in Archaeology and Anthropology as Presented Through Its Publications. **Journal of the American Institute for Conservation**, London, v. 26, n. 2, p. 85-104, 2013.

CHOAY, F. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Estação Liberdade, 2017.

DOWNEY, L. Images of the Southwest: A Tourist Album. *In: AMERICAN INSTITUTE FOR CONSERVATION OF HISTORIC AND ARTISTIC WORKS. Conservation of Scrapbooks and Albums: Postprints of the Book and Paper Group/Photographic Materials Group Joint Session at the 27th Annual Meeting of the American Institute for Conservation of Historic and Artistic Works, June 11, 1999, St. Louis, Missouri. Washington, D. C: The Institute, 2000. p. 3-11.*

EUROPEAN CONFEDERATION OF CONSERVATOR-RESTORERS' ORGANISATIONS. Documento de Pavia. Preservación del patrimonio cultural cultural: hacia un perfil europeo del conservador-restaurador. *In: MARTÍNEZ JUSTICIA, M. J; SÁNCHEZ-MESA MARTÍNEZ, L. J (org.). La restauración de bienes culturales en los textos normativos: selección, traducción y estudio crítico de documentos normativos internacionales y nacionales. Granada: Editorial Comares, 2009. p. 218-220.*

EUROPEAN CONFEDERATION OF CONSERVATOR-RESTORERS' ORGANISATIONS. Directrices profesionales de la ECCO I: la profesión. *In*: MARTÍNEZ JUSTICIA, M. J; SÁNCHEZ-MESA MARTÍNEZ, L. J (org.). **La restauración de bienes culturales em los textos normativos**: selección, traducción y estudio crítico de documentos normativos internacionales y nacionales. Granada: Editorial Comares, 2009. p. 229-231.

EUROPEAN CONFEDERATION OF CONSERVATOR-RESTORERS' ORGANIZATIONS. **Competences for Access to the Conservation-Restoration Profession**. 2 ed. Switzerland: ECCO, 2011.

FRONER, Y. A. A constituição da Ciência da Conservação e a projeção da Ciência do Patrimônio. **Geonomos**, v. 24, n. 2, p. 30-38, 2016.

GOREN, M. S. **Auxilios previos para la preservación de una colección**: herramientas para implementación de la conservación preventiva. [Buenos Aires]: Gama Estación Gráfica, 2009. p. 128-134. (Cuaderno Técnico, n. 2).

GRANATO, M.; CAMPOS, G. N. Teoria da conservação e desafios relacionados aos acervos científicos. **Revista MIDAS**, Portugal, v.1, n.1, p. 1-12, 2013.

INTERNATIONAL COUNCIL OF MONUMENTS AND SITES. **International Charters for Conservation and Restoration**. 2. ed. Alemanha: ICOMOS, 2004. Disponível em: [http://openarchive.icomos.org/431/1/Monuments\\_and\\_Sites\\_1\\_Charters.pdf](http://openarchive.icomos.org/431/1/Monuments_and_Sites_1_Charters.pdf). Acesso em: 10 maio 2020.

INTERNATIONAL COUNCIL OF MONUMENTS AND SITES. **The Burra Charter**. Australia: ICOMOS, 1999. Disponível em: [http://australia.icomos.org/wpcontent/uploads/BURRA\\_CHARTER.pdf](http://australia.icomos.org/wpcontent/uploads/BURRA_CHARTER.pdf). Acesso em: 5 maio 2020.

RIEGL, A. **O culto moderno dos monumentos**: a sua essência e a sua origem. São Paulo: Perspectiva, 2014. (Elos, 64).

ROSSI, L.; GUASTI, G. **Dal restauro alla conservazione**: la gestione del patrimonio librario. Roma: La Nuova Italia Scientifica, 1987.

RUIZ DE LACANAL, M. D. El conservador restaurador: el eje de la historia de una profesión. *In*: CONGRESO DE CONSERVACIÓN Y RESTAURACIÓN DE BIENES CULTURALES, 10., 1994, España. **Anales Electrónicos** [...]. España: Ministerio de cultura, 1994. Disponível em: <https://idus.us.es/bitstream/handle/11441/50773/El%20conservadorrestaurador%20el%20eje%20de%20la%20historia%20de%20una%20profesi%20c3%b3n.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 12 mar. 2020.

RUIZ DE LACANAL, M. D. **El conservador-restaurador de bienes culturales**: historia de la profesión. Madrid: Editorial Síntesis, 1999.

RUSKIN, J. **A lâmpada da memória**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2008.

THIRY-CHERQUES H. R. Pierre Bourdieu: a teoria na prática. **Rev. Adm Pública**, Rio de Janeiro, v. 40, n. 1, p. 27-53, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-76122006000100003>. Acesso em: 17 abr. 2023.

WARD, P. **La Conservación del patrimonio:** carrera contra reloj. Los Angeles: The Getty Conservation Institute, 2010.

XAVIER, G.A.C. **Reflexões acerca do diagnóstico de conservação:** um estudo a partir da obra *Commento di Landino* da Coleção Rui Barbosa. 2022. 494 f. Dissertação (Mestrado em Preservação de Acervos de Ciência e Tecnologia) – Museu de Astronomia e Ciências Afins, Rio de Janeiro, 2022.

PÓS?

## NOTAS

---

- 1 Se caracteriza pelas formas de agir em dada circunstância, sendo as ações (*habitus*) orientadas pelos modos de perceber, sentir, fazer e pensar do indivíduo ou grupo social (Thiry-Cherques, 2006).
- 2 Arqueólogos, cientistas, historiadores, restauradores (Ruiz de Lacanal, 1994, p. 118, tradução nossa).
- 3 Conferência de Roma (1930) e os encontros de Atenas (1931), Madrid (1934) e Cairo (1937).
- 4 Documento elaborado em 1997 e compilado em 2009 no livro intitulado *La restauración de bienes culturales em los textos normativos: selección, traducción y estudio crítico de documentos normativos internacionales y nacionales* (ECCO, 2009, p. 218-220).
- 5 Publicou em 1997 os cadernos técnicos intitulados *Auxilios previos para colecciones artísticas e históricas*. Os volumes 1 e 2 foram disponibilizados em 2009, através do catálogo da Universidade Nacional de Córdoba. Disponível em: <https://catalogo.biblio.unc.edu.ar/Record/mayor.47097>.
- 6 Este artigo é resultante da dissertação de final de curso do Mestrado em Preservação de Acervo de Ciência e Tecnologia do MAST, concluído em 2023.
- 7 Financiada na época pelo projeto de Apoio à Cultura, Educação e Promoção Social – VITAE.
- 8 Restaurador que atuava no Serviço Nacional de Restauração de livros e documentos, na época parte integrante do Instituto do Patrimonio Cultural de Espanha (IPCE) do Ministério da Cultura.
- 9 Portal da empresa Barbáchano y Beny y Patología y Restauración de Papel. Disponível em: <https://www.barbáchano-beny.es/quienes-somos>. Acesso em: 24 set. 2021.
- 10 Surge após o sinistro em Florença, no contexto da centralização das atividades de conservação-restauração de obras em suporte papel na Itália. Consistiu em ações de preservação (isso inclui a documentação) de obras em suporte papel coordenadas pelo ICPL, Comissão de Restauração do Ministério e um grupo de bibliotecas públicas e privadas (Rossi; Guasti, 1987).
- 11 Conforme comentado, existem modelos vigentes em uso simultâneo no LACRE. O objetivo é aplicar novo modelo de ficha elaborada a partir dessa abordagem, pensada para o diagnóstico e tratamento de objetos bibliográficos.